

RYANE LEÃO



JAMAIS PEÇO DESCULPAS  
POR ME DERRAMAR  
POEMAS DE TEMPORAL E MANSIDÃO

 Planeta

Da autora  
do best-seller  
Tudo nela brilha  
e queima



JAMAIS PEÇO DESCULPAS  
POR ME DERRAMAR

RYANE LEÃO

JAMAIS PEÇO DESCULPAS  
POR ME DERRAMAR  
POEMAS DE TEMPORAL E MANSIDÃO

ilustrações de laura athayde

Copyright © Ryane Leão, 2019  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Luiza Del Monaco  
*Revisão:* Renata Lopes Del Nero e Karina Barbosa dos Santos  
*Projeto gráfico e diagramação:* Jussara Fino  
*Capa e ilustrações de miolo:* Laura Athayde  
*Adaptação para eBook:* Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Leão, Ryane  
Jamais peço desculpas por me derramar / Ryane Leão. – São Paulo:  
Planeta do Brasil, 2019.

ISBN: 978-85-422-1800-8

1. Poesia brasileira I. Título

19-2044

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:  
1. Poesia brasileira

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4<sup>o</sup> andar

Consolação

01415-002 – São Paulo – SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

*a todas as pessoas  
que têm correntezas vorazes  
se lançando dentro do peito*

*lembrem-se,  
estamos em constante movimento*

todas as revoluções  
que eu desejo  
começam em mim



as mudanças mais bonitas  
não vêm com calma e sossego  
são uma ventania incontrolável  
jogando tudo pra cima  
nada cai no mesmo lugar  
nem as coisas  
nem o coração  
nem você

– o tempo fechado nos abre



se sou raio  
que eu saiba iluminar  
a minha estrada  
nesse breu  
que eu saiba golpear  
mesmo no escuro  
me emprestem a retina  
de minhas ancestrais  
que enxergaram fé  
quando tudo era medo

se carrego relâmpagos  
nas veias  
que eu saiba  
que o que corre em mim  
tem brilho  
tem jeito  
tem potência  
eu sou capaz de fazer  
a terra tremer

se sou vento  
que eu passe pelos vãos  
dos seus dedos  
que nada possa  
me segurar

me limitar  
me fazer  
menos presente  
vendaval não pede licença  
pra escancarar as janelas  
ou o coração

se sou brisa leve  
que eu saiba me dividir  
com aqueles que sorriem  
ao me ver existindo  
que eu saiba sustentar o amor  
dentro do peito  
dentro do abraço de quem me diz  
que resistiremos  
que lutaremos  
que seremos  
assim seja

se sou furacão  
então eu posso destruir  
antes de ser destruída  
e se preciso for  
tiro absolutamente tudo do lugar  
e defino como vai ser a partir  
de agora

se sou sagrada

que eu me benza com folhas  
e búzios e velas e mãos entrelaçadas  
quando dizem eparrei  
a força que me invade  
não me permite  
o silêncio

se sou nuvem carregada  
que eu me despeje e deságue  
e que mesmo que eu termine  
chuva de granizo  
nasci oceano  
sou mais inconstante que o mundo  
sou onde tudo começa e termina  
sou a história que eu quiser contar  
sou revide antes mesmo que alguém  
tente me atacar  
sou estrondo de trovão  
meus pés descalços tocam o chão  
estremeço  
mas sou profunda demais  
pra acabar  
me reconstruir da alma aos pés  
foi o sinal mais evidente  
da sua chegada

não é tarde para que a gente  
se abraçe com mãos quentes

entrelace as pernas em rima  
e garanta que nunca mais  
seremos sede

deixa eu te mostrar  
que a mulher preta  
não é feita  
só de dor

você é o excesso  
do excesso  
tudo ou tudo  
você é uma estrada  
que nem sempre  
dá no mesmo lugar  
você é um país  
que ninguém vai  
dominar

se irritam contigo  
porque você acredita  
e vai até o fim  
e mesmo quem não te entende  
vidra em você

você é uma mulher  
que carrega fogos de artifício  
por dentro  
em vez de borboletas  
quando você ama  
você ilumina  
as beiras de todas as praias  
como nos dias de ano-novo  
cheios de possibilidades

você é noite de lua cheia  
semana de carnaval  
gole de cachaça docinha  
música ao vivo na rua  
numa tarde de sol  
e todas essas coisas  
que mexem com a cabeça  
de qualquer pessoa



você é previsão de  
pancadas de chuva  
e quem é que já conseguiu  
parar um temporal?  
quem se afastou de você  
e tentou te calar  
foi porque percebeu que não pode  
te controlar

só permanece  
quem é de mergulhar

você decora discos inteiros  
memoriza risos  
e sabe que banho de rio  
melhora qualquer desalinho

você aprendeu a ser mais gentil  
com o seu corpo  
não força mais a barra  
consigo mesma  
e se dá tempo pra descansar

você é uma mulher que sabe  
que outras mulheres vieram antes  
pra que agora você firmasse a sua voz

você não é uma flor  
você é toda uma floresta  
bonita  
incomum  
imensa  
inesperada  
e deixa seu conselho:  
preste atenção em onde pisa  
que as minhas raízes  
continuam  
a crescer

o que me faz poderosa  
não é só essa força desmedida  
esse grito potente  
se estou de pé é justamente  
porque me permito a queda livre  
me deixo desabar  
sentir o gosto do chão  
desaguar  
digo pra minha intensidade  
descansar  
pra dor não faço lar  
mas permito a visita  
não serei inabalável  
não insista  
quando estou fraca  
tenho coragem  
de me encarar

para nós que temos pressa  
desejo que ainda haja vontade  
de contar estrelas durante a noite  
para nós que temos pressa  
desejo que possamos ler um poema  
a ponto de senti-lo mudando nossos rumos  
para nós que temos pressa  
que respirar fundo substitua  
os pés nervosos e as mãos trêmulas  
para nós que temos pressa  
que a angústia nos esqueça  
descanse entre as brechas  
para nós que temos pressa  
que ela não seja fuga  
pro que somos  
para nós que temos pressa  
desejo que atrasos bonitos  
nos encontrem  
para nós que temos pressa  
desejo atalhos entre os  
trilhos descompensados  
para nós que temos pressa  
que saibamos que o retorno  
é perigoso e por vezes impossível  
melhor parar  
admirar as demoras

pra então seguir

eu vou ser sincera  
eu quero sempre ser sincera  
contigo e comigo  
eu tô um bagaço  
olheira, boca seca, falta de apetite  
eu ando cansada demais  
minhas costas doem muito  
às vezes tenho a sensação  
que perdi mesmo a cabeça  
mas os dias continuam  
e eu vou dando um jeito  
de ir com eles  
você percebe que chamam a gente  
de forte o tempo todo  
mas esquecem que somos  
carne e osso?  
eu não quero ter que fugir de mim  
eu não quero ter que fugir de você  
eu não quero ter que fingir  
que sou inquebrável  
desde quando se fortalecer  
é não cair?  
conhecer as ladeiras  
nem sempre evita  
que a gente escorregue por lá  
e se estabaque com a cara no chão

e tudo bem, tudo bem errar

ontem eu deitei na cama  
fechei os olhos  
e tentei esquecer  
todos esses nomes  
que moram em mim  
são tantos andando aqui dentro  
que fico alternando entre ser tão boa  
e tão péssima nessa coisa de deixar ir  
depois tentei lembrar do barulho das ondas  
estar longe do mar  
me murcha inteirinha  
hoje eu só vou dar conta de cuidar de mim  
não posso doar quando estou oca, entende?

você me chama de rainha  
mas não banca o elogio  
porque não reina comigo  
eu amo a minha solidão  
mas também preciso de abraço  
de colo, de porre, de convite  
de ajuda, de norte, de fé  
comigo ninguém pode  
ou eu é que não posso  
com ninguém?

às vezes quando falo sobre desmoronar

dizem pra deixar pra lá  
mas eu nunca vi tristeza passar  
sem ser sentida  
ignorar as feridas  
não vai estancá-las  
tem que parar, olhar  
lavar, passar remédio  
e soprar, não tem?

a poesia não quer dizer  
que sobreviver é artístico  
sobreviver dói e arranca sangue  
é que as palavras têm dessas  
de acalantar

não se iluda  
hoje eu não vou pro front da luta  
nem precisa me chamar  
eu não desisti não  
só tenho que me restaurar

curar começa quando  
dizemos nossas verdades  
será que é mesmo o mercúrio retrógrado  
a lua em câncer  
o sol em capricórnio  
a correria, a distância  
a rotina, o passado



ou é só você  
que não consegue bancar  
o que está sentindo?

caminho inviável e perigoso  
esse de se prestar  
a reverter erros alheios  
cuide do seu coração fértil  
seja vitória-régia  
que sabe quando dá flor  
se dedique a lutar  
por você

você me  
de  
ses  
tru  
tu  
ra

você me dá aquela sensação  
de poder ser eu mesma  
sem armaduras  
e nossos olhares são capazes  
de causar um incêndio  
onde tudo era faísca  
come on, baby  
que eu voltei até a ser clichê  
dizendo que sim quando você  
me chama pra visitar  
todos esses universos  
que cê carrega dentro de si

eu sou maravilhosa sozinha  
mas com você sou  
o dia todo  
poesia

eu quero conversar contigo

por madrugadas a fio  
ouvir sobre o que  
te faz leve e o que te apavora  
ouvir sobre quando você foge  
e quando você se demora  
quais são os discos que te curam  
quais são as músicas que  
te recomecem  
por onde você viajou  
quais os gostos que cê guarda  
nesse sorriso que soltou

eu sei que você também tem vontade  
de me ouvir um tanto assim  
tem partes de você  
que se reconhecem em mim  
cê não sabe disfarçar não  
nossas histórias se esbarraram do nada  
ou será que o acaso já tinha  
a intenção?

eu tô na sua  
então pode perguntar  
sobre meus livros, minhas constelações  
minhas inseguranças  
eu te conto sobre todas as minhas revoluções  
minhas andanças

se quiser me descobrir com a língua  
não tem erro, cê sabe por onde começar  
e se você quer me ver dançar  
é só escolher o som

cê sabe que se eu te chamar  
cê vai querer ficar  
não tem jeito  
eu sou essa explosão  
no seu peito  
e eu gosto de caminhar  
com quem tem coragem  
de viver o que sente  
e aí, cê vem?

me leem zona de perigo  
me pedem pra sorrir mais  
me definem como assustadora  
cara fechada, cara de brava  
não pertenço, não encaixo  
e não sinto vergonha  
crio minhas próprias regras  
só me comprometo com linhas  
e com a euforia dos meus ossos  
não fico submersa  
em uma lista de como agir  
para que me amem

basta que eu me abrace

mulheres como eu estão em toda parte  
em toda parte  
e não é preciso coragem  
para se aproximar delas  
é preciso se aliar  
ao motim  
é preciso

arder

a dor não me fez bruta  
mas sou marcada  
difícil encarar as cicatrizes  
de uma mulher selvagem que tem cada poro  
em constante luta

eu beijo o silêncio de estar comigo  
crio intimidade com a minha solidão  
me atento a quem se entrega  
e nem noto quem desvia



não quero jogar  
porque se eu ganhar  
você me perde  
no final

estou oscilando  
entre te querer  
e me querer

fica fácil decidir  
quem escolher

– eu vou só

sankofa

herdei de minha mãe a coragem  
para me erguer e prosseguir  
e também os seus fantasmas  
quando choro as lágrimas vertem por duas  
por todas as vezes em que ela se sentou no sofá  
com a mesma expressão de luzes rompidas  
uma mulher forte é uma mulher interrompida  
minhas palavras recorrem aos seus silêncios  
abrem uma fresta de sua porta devagar  
primeiro pedem desculpa  
por todas as incompreensões antigas  
e as exigências em te querer sempre de pé  
depois pedem permissão  
para aproximar sessenta e dois anos  
do meu colo que não mais se distrai

abandonar-me está fora de cogitação  
senão quebro o fluxo da continuidade  
de seus nortes

herdei de minha mãe  
as garras que se prendem ao que se quer  
eu amo tudo que ela criptografa  
e quando descubro estão em mim  
seus sinais, desejos e fugas

tudo bem, está tudo bem  
suas notas de perdas estão bem guardadas  
e cabe a mim saber manter as colisões  
em seus devidos lugares  
saber o nome das prisões  
para poder triturá-las com os dentes  
o que não se nomeia vira pó que nada elimina  
chega a cegar os olhos

mas nem tudo que passa é nó  
e nem tudo que fica  
importa

herdei de minha mãe  
o não esquecimento  
e a urgência de nos compor

meu corpo enredo  
pedindo o seu  
carnaval

não há ciclo  
feitiço  
amarração  
remédio  
identificação  
desculpa  
porre  
ou poesia  
para prolongar pessoas

partir ou ficar são escolhas  
não acidentais  
e intransferíveis

há pessoas que são cidades  
lotadas, intensas, ruidosas  
oscilando entre o encanto e o caos  
tão profundas e tão acostumadas  
com quem logo quer se mudar  
mas se você ficar vai ver que  
há partes muito bonitas morando ali  
elas vão te mostrar lugares que você  
nem imagina  
elas brilham muito  
durante a noite  
e no fim da tarde  
você pode olhar o pôr do sol  
nos olhos delas

teu céu precisa gritar  
enquanto você abafar esse trovão que te habita  
as pessoas farão o mesmo

– seja a primeira a se ouvir

naquelas travessias  
aquelas em que ninguém quis vir comigo  
aquelas negadas com gosto por quem  
me garantiu constâncias  
aquelas que cruzei mesmo tremendo as pernas  
mesmo de olhos inchados  
mesmo de punhos marcados  
aquelas que construíram meus escudos  
aquelas que inflamaram minha pele  
que fizeram pequenas quedas serem ambições  
que apagaram datas  
mas fixaram rostos  
que marcaram minha linguagem e meus gostos  
trajetos de explosões e nomes desabitados



além de mim  
não houve uma pessoa sequer  
com coragem suficiente para morar  
na descrição desses tempos

se encostar aqui vai sentir primeiro pele  
depois ossos  
depois inverno  
inferno  
barrancos contínuos

é por isso que toda vez que sorrio  
o universo vem beijar meus pés

eu carrego o segredo do amor  
que não pode morrer

você vai conhecer pessoas que vão embora muito rápido  
e outras que vão permanecer e te ensinar sobre os dias  
você vai conhecer pessoas que vão te dar um baque forte  
[na hora  
e mesmo assim não estarão prontas para caminhar  
[contigo  
e outras que vão chamar sua atenção muito depois  
e vão topa dividir vivências ao seu lado  
você vai conhecer pessoas que vão te fazer pensar sobre  
[vidas passadas  
não é possível que vocês nunca tenham se encontrado  
[antes  
você vai conhecer pessoas que vão fazer você querer  
[perguntar sobre tudo  
porque absolutamente tudo sobre elas vai parecer  
[interessante  
você vai conhecer pessoas que vão te fazer confundir amor  
[com violência  
e outras que vão aparecer naqueles instantes em que  
[olhar nos olhos também cura  
você vai conhecer pessoas que vão te mostrar que  
[somente você pode ser a sua casa  
e outras que vão te ajudar a ajeitar a bagunça  
você vai conhecer pessoas que vão te despedaçar  
e outras que vão beijar suas cicatrizes  
você vai conhecer pessoas que vão querer te ouvir

e outras que vão tentar tapar a sua boca  
você vai conhecer pessoas que vão acender o seu pavio pra  
[te fazer brilhar  
e outras pra te fazer queimar  
você vai conhecer pessoas mornas

e outras que vão dançar contigo no meio da sala de casa  
[numa terça à noite  
você vai conhecer pessoas que vão te fazer duvidar de  
[acasos  
e outras que vão te fazer desejar coincidências  
você vai conhecer pessoas que vão te amar quando estiver  
[na merda  
e outras que vão embora sem te proteger  
você vai conhecer pessoas que vão te revolucionar em  
[poucas horas  
você vai conhecer pessoas que sentem na mesma  
[intensidade que você  
você vai conhecer pessoas que vão chegar quando nada  
[fizer sentido  
e outras que vão te dar vontade de encarar a vida

os encontros não são tão simples  
nem tão despretensiosos  
saiba que se você for mulher será foda  
se você for mulher preta  
será mais foda ainda

talvez você não conheça todas essas pessoas  
ou conheça muitas delas em uma só  
ou talvez já tenha ouvido falar sobre elas  
obviamente algumas são mais raras

que outras  
então cuidado  
com quais pessoas  
você vai convidar  
pra ficar

celebre a mulher  
que você está se tornando  
não tape os ouvidos  
ela está te chamando  
ela dança com o fogo  
ela é pancada mas também é doce  
ela sempre foi sua melhor escolha

ela é tudo aquilo  
que sobreviveu

toda vez que ligo pra minha vó  
primeiro ela me dá sua bênção  
depois ficamos mais de quarenta minutos  
falando sobre o clima  
o de lá e o daqui  
frio e calor se fundem rapidamente  
ela agradece as orquídeas e diz  
que estão pegando sol na cozinha  
e nossas vozes aproximam gerações  
eu sei que ela está sentada  
ou no sofá ou na cadeira de cordas de plástico  
assistindo missas ou noticiários  
nossas fotos de criança  
aconchegando a sala  
e desaparecem  
os mil quinhentos  
e trinta e oito quilômetros  
que só as mais velhas  
têm a mágica  
de amenizar

redundante é ter o mundo nas costas  
mais uma vez

eu gostaria que minha história fosse cheia  
não vazasse pelos cantos  
mas suporrei tantos tropeços  
que nada que me cabe é equilíbrio  
como sempre me disseram pra relevar  
aprendi a dar segundas chances  
para qualquer pessoa que não eu  
como desmontar as crenças  
como escalar o que venho carregando  
pra dar espaço  
pra minha fala e pro meu corpo  
que no momento só desejam  
que as consequências parem  
de me chamar pra dançar  
com a mesma frequência em que acredito  
que destino tem mais do que eu não disse  
do que aquilo que aprendi a gritar

perdi grandes partes de mim  
que não recuperei ainda  
e reconstrução não é junção  
é dar um jeito com o que se tem  
transformar nada em universos



em segundos

acabo de me mudar novamente  
toda casa que moro  
eu que criei

pai,  
teus olhos vermelhos me disseram  
que o mundo te esqueceu  
ali eu te fiz memória  
eu canto uma música pra você todos os dias  
escrevo sobre seus rastros  
falo seu nome inúmeras vezes  
enquanto sonho acordada  
e não deixo a sua energia abandonar  
essa existência

você falhou muito  
partiu cedo  
e a sua segunda chance  
é o meu ser palavra

te vendo daqui pegando suas coisas  
pra sair dessa casa que nunca te foi lar  
sinto vontade de te abraçar apertado  
e repetir:

*está dando certo*  
*você conseguiu*

te convenceram que desistir é uma merda  
mas desistir muitas vezes  
é o gatilho certo pra renascer  
ainda bem que mesmo que por um fio  
você foi embora daí

quero te contar que você sobreviveu  
que a depressão não conseguiu te comer viva  
que as idas frequentes ao hospital pararam  
que aquele buraco no estômago  
aquele enjoo, aquela rua sem saída  
tudo isso cicatrizou  
e virou uma marca que inevitavelmente  
você veste todos os dias  
mas agora isso é um atalho  
para que outras mulheres  
não precisem pular precipícios  
por ninguém

quem diria que a sua história  
viraria um mapa pra tantas de nós?

pensando bem  
você sempre teve  
essa fé desmedida  
e foi um erro brilhar tantas vezes  
pra iluminar escuridões que nem eram suas  
mas isso te fez virar galáxia

desde pequena você transforma  
caos em estrelas

você ainda não se deu conta  
mas é o seu corpo que te fará companhia  
pro resto da vida  
e só saber disso faz dele algo tão poderoso  
você está fraca agora  
e continuar dói pra cacete  
mas liberta

quero contar que você vai conseguir olhar no espelho  
e enxergar um rosto cheio de linhas  
e que você finalmente vai conhecer  
gente que te lembra que você é linda  
e que não é difícil te amar  
vai haver muitas despedidas  
pra abrir lugar pra essas novas pessoas  
é cíclico

há livros morando em cada uma de suas expressões  
livros que contam sobre uma mulher  
que é uma em muitas  
muitas em uma  
você é sua prioridade  
e não cabe egoísmo

no autoamor

não tenha pressa

todo processo curativo

não é tão rápido

ou tão bonito assim

e vai ver se curar é algo diário

tem dia que dá e tem dia que não dá

e tudo bem

é possível amar depois da dor  
mas serão amores diferentes de tudo que você já sentiu  
porque amar também é perspectiva  
e existe diferença entre amar sendo segundo plano  
e amar sendo protagonista

te escrevo de uma casa que é confortável  
bate sol e tem rede na sala  
e te conto que você escreveu um livro  
que tem feito mulheres abandonarem silêncios  
você conheceu a dor cedo demais  
pra que agora pudesse existir  
em paz

– uma carta para a mulher que fui

olhar em volta e perceber  
quando você é tudo que resta  
isso já é o suficiente



alguém que me pergunte  
se tem sido fácil cruzar os meus oceanos  
ou se o mar está revolto  
como nunca



conheço a dor crua e sem freios  
e ela simplesmente chega causando tumulto

quando eu vejo já estou num novo começo  
catando meus pedaços que caíram  
em casa, na rua, nos viadutos e avenidas

eu sigo  
nem sempre disposta  
nem sempre sabendo as respostas  
mas sempre exposta  
ao que eu sou

por favor, tome cuidado com o que diz  
eu sou profunda  
mas pra isso tive que perder demais  
e eu caibo em tantas outras palavras  
por que é que você só quer me chamar de  
resistência

eu sigo  
nem sempre na estabilidade  
nem sempre na mais intacta sanidade  
mas sempre guiada pela verdade

de tudo que eu sou

num mundo faísca

nasci turbilhão

a suavidade e o caos  
perpassam meu corpo na mesma sintonia

você se mostra  
e eu me decido  
borboleta  
ou búfalo

assim que me viu perdida  
e atordoada  
ela me abraçou  
cantou e dançou comigo  
sussurrou

*vou te elevar*

algumas pessoas  
cessam guerras  
num instante

falador passa mal  
e eu quero paz

eu sou cria de orixá  
quando chove não saio fechando tudo  
eu faço o contrário  
abro todas as portas e janelas  
também preciso escoar  
tempestade é fichinha  
pra quem é de transbordar

eu não estou sozinha  
e saber disso é combustível  
pra encarar mais uma semana  
que começa e eu não sei como termina  
eu não abandono  
as minhas batalhas no meio  
ou você acha que eu cheguei até aqui  
porque eu tô a passeio?  
eu ando ao lado de rainhas  
só me disperso nas  
minhas próprias linhas  
eu tô com a caneta na mão  
chega aqui perto pra ver  
que a minha história  
quem escreve

**sou eu**



desde pequena  
filmes, poemas e músicas  
definiram o amor e as dores  
como obrigatoriamente próximos  
então me apaixonei rapidamente  
pelo que me machucava  
mais do que pelas coisas suaves  
e agora preciso esfregar no banho  
essas violências que grudaram  
no meu cabelo e nos meus braços  
me convencer  
não me sabotar  
não duvidar

intuição e insegurança se embaralham  
quando sei o que devo fazer  
e paro pra me escutar  
não consigo identificar o sentimento  
e separar as vozes antigas de meus receios  
estagno

talvez não fosse preciso encarar trevas  
para conhecer a luz  
se desde o início meu alimento fosse feito  
de narrativas construídas por mim mesma

então olharia pros meus pés descalços e veria asas  
me devolveria calendários, movimentos e fôlegos  
e me escolheria  
me escolheria

o seu medo da palavra suicídio  
nunca fez uma vítima a menos

depressão é água que não dá pé  
é quando tudo e nada são urgência  
é silêncio gritado  
o gosto da morte caminhando ao meu lado  
depressão é quando o pedido de socorro  
mora na ausência constante  
é quando ninguém sabe lidar  
e ainda esperam que eu saiba  
depressão é céu vermelho de inverno  
é engolir a minha própria voz  
é quando estar quebrada parece ser a única  
realidade que conheço  
é quando por mais que eu tente dizer sim  
meu corpo continua dizendo que não

e você continua falando comigo  
como se eu fosse os amigos que foram embora  
como se eu fosse todos que não me abrigaram  
como se eu fosse os remédios que eu tomo todos os dias  
como se eu fosse exagerada  
como se eu fosse o meu passado  
como se eu fosse o meu abuso  
como se eu nunca tivesse morrido

como se eu conseguisse chorar

ninguém quer saber  
se sinto mais raiva que tristeza  
ou mais tristeza que raiva  
ou se há dias em que me sinto livre  
ou se nem sinto mais nada

aos que se foram  
peço a oxalá que lhes dê a paz  
que aqui não encontraram  
mas e quanto aos que ficaram?  
nayo jones diz  
que tudo que é bonito tem uma consequência  
e eu penso nisso todo dia  
quanto do sangue da poeta você vê na poesia?

mas hoje, hoje serei mais que um diagnóstico  
porque apesar de toda maldade do mundo  
coisas bonitas continuam acontecendo  
sem o nosso controle  
que hoje eu seja uma delas  
minha voz é um estrondo  
e vale a pena ser ouvida  
e meu corpo também fala  
é em mim que está a saída  
hoje eu não vou pra lista  
de pretos que se foram

essa lista que todo mundo cita

que hoje eu reconheça  
até na fraqueza  
um motivo para revolução  
hoje serei minha própria cura  
hoje não terei vergonha  
hoje não vou esperar que me salvem  
e se não houver ninguém para me dizer que sou sagrada  
que eu seja a própria deusa de minhas águas salgadas  
hoje não estarei no olho do furacão  
hoje serei o furacão  
hoje estou viva  
hoje estou celebrando  
tudo que sou  
hoje escolhi o gosto de vida  
hoje sou coragem  
hoje estou viva  
hoje estou viva  
hoje estou viva

e quem sabe me vendo aqui  
viva

outras pessoas escolham  
permanecer vivas também  
as partes de mim  
que ainda não são cicatrizes  
logo vão notar

que tudo em mim  
é possibilidade

se tô quebrada a poesia me remonta  
se tô inteira a poesia me reconta

premissa essencial de conduta:  
ser vulcão sem culpa

quem disse que precipícios eram condição eterna?



se assombro é acúmulo do que veio antes  
então medos são milimetricamente  
fáceis de serem explicados

corra atrás deles  
faça-os falar

a sua boca está tremendo  
quando você me diz que eu sou sozinha  
que eu não tenho ninguém  
três segundos depois disso  
eu posso ver a solidão  
que te assombra  
escancarada nos seus olhos  
pra que usar as palavras desse jeito  
com intenção de rachar o meu peito  
por que é que você quer o seu pior  
morando em mim também?  
amar é dividir nossos pavores  
e não transferi-los pra outra pessoa

você está na contramão

a sua falta de atenção  
com as palavras  
que saem da sua boca  
vai acabar fazendo  
a poesia morrer  
em você  
tem coisa mais triste  
que não ter poemas  
pra contar?

você quer me definir  
parece ter certeza do que eu sou  
mas não se interessa em ser  
a minha carne por um tempo  
ou em me perguntar  
como anda o meu fôlego  
quando eu acordo de manhã  
nem quer saber com que potência  
meus vazios me engolem  
você não vai conseguir me fazer  
entrar em guerra comigo  
atrás da minha paz  
há outras maneiras  
de chegar até ela

hoje eu enumerei algumas coisas  
que me definem, dentre as tantas  
que existem e ainda podem existir  
já que estou em constante descoberta  
de mim:

eu sou a escolha da coragem  
eu sou a frequência cardíaca acelerada  
eu sou o gosto de vida nos lábios  
eu sou o raio que cai muitas/quantas vezes onde quiser  
eu sou uma mulher que carrega fogo nos olhos  
e montanhas nas mãos  
eu sou a encruzilhada que confunde quem

quer me derrubar  
eu sou o riso alto daqueles que amo  
eu sou o fragmento do melhor livro que já li

acho que você se confundiu  
não sou sozinha  
só já não tenho problemas  
com a minha solidão  
quando ela vem eu sorrio  
digo assim:  
me conta um pouco mais  
sobre mim?

quando coração  
vira labirinto  
nem penso  
só sinto

eu não sei direito como te pedir isso  
agora que eu também estou desabando  
mas por favor  
não se entregue  
ainda estamos aqui  
ainda há possibilidades  
em alguns abraços

serão madrugadas imensas  
então fique atenta às estrelas  
talvez os baques nunca acabem  
mas pelas que se foram  
sou e serei vento  
nem sempre forte  
mas sempre presente

de quem são os ouvidos  
quando meus relâmpagos escorrem em líquido  
prateado que queima mas também é luz  
de quem são os ouvidos  
quando a ansiedade decora o meu nome  
e confundo madrugadas com vozes afiadas  
que esmago nas mãos até cortar as linhas  
que dizem guardar meu futuro  
meus amores e meus efêmeros  
de quem são os ouvidos  
quando minha voz se fragmenta  
e as cordas vocais entram na dicotomia  
do sussurro e do grito  
e eu não mais sei a diferença  
entre a tolice e a persistência  
de quem são os ouvidos  
enquanto insisto em ocupar espaços  
e esvazio a mim mesma  
de quem são os ouvidos  
se eu mesma me abandono  
proponho exílios ao meu peito  
se hoje eu não dou conta de ser eu

quem vai dar jeito  
de quem são os ouvidos  
agora que me veem poeta  
a que fala



agora que me veem como sobrevivente  
a que insiste  
agora que me veem como forte  
a que se firma  
agora que já sei que posso voltar  
quem vai me buscar no retorno  
na esquina, no limbo, no poço  
de quem são os ouvidos  
que mais chovem  
do que suportam tempestades  
de quem são os ouvidos  
quando digo que falei demais  
mas se a vida toda silencieei  
onde está o excesso de voz  
onde se instalam as palavras  
que foram perdidas na infância  
dá pra recuperar o que ficou  
preso no diafragma?

por ora não me curo  
mas por ter me salvado  
tantas vezes só

me faço ancestral  
para as que virão  
e isso basta

me resgata das pedras pontiagudas  
preenche novamente meus pulmões  
retira o arame farpado dos meus dedos  
transcorre o rio que se formou no meu rosto  
estanca o desespero do indizível  
trança meus cabelos com búzios dourados  
me coloca anéis de rebeldia  
e se abeira em meus ouvidos  
para me dizer  
*reine*

– a deusa que aqui habita

você precisa ser mais parecida com a água  
não tem que ser porto seguro a todo instante  
pode ser correnteza e aproveitar pra levar algumas coisas  
embora  
pode ser onda grande no oceano e afogar o que já não  
importa  
se desfazer nas margens  
em grandes pedras  
ultrapassá-las  
pra notar que nada te impede  
vez em quando virar uma cachoeira  
daquelas enormes e inalcançáveis  
ou então lagoa calma mas distante  
só nada quem pegar a trilha  
você pode ser aquele fluxo de água que desce entre  
as frestas de uma rocha  
e mostra que algumas rachaduras são necessárias  
para que a beleza nasça  
quente ou fria  
abundante ou serena  
jamais peça desculpas  
por se derramar

eu que já falei sobre mares  
furacões  
vendavais  
riachos  
e transbordamentos

escrever pra você é ainda mais imenso

eu que já andei  
em caco  
em fogo  
em prego  
e metal quente

eu não estou acostumada a ser leve  
mas você me mostra  
que podemos nos identificar  
além da dor

por isso me entrego  
impetuosa  
na mansidão

desconfio que certas cicatrizes  
nunca fecham de vez  
só ficam esperando  
domingos  
madrugadas  
tentativas  
frioziños e garoas  
para que se espalhem pelo quarto  
e comecem a gritar

bom mesmo seria poder escolher  
qual ferida a gente dá conta de encarar novamente  
e qual queremos deixar quietinha pra nunca mais  
mas essas que abrem e se esparramam  
são justamente as que ainda nos consomem  
talvez elas estejam implorando  
para serem ouvidas  
talvez elas latejem  
para lembrar que escapamos  
talvez elas procurem outro olhar  
talvez elas queiram nos mostrar  
que perdemos muitas horas decorando a dor  
e esquecemos completamente de nos concentrar  
em nossas continuidades  
pequenas grandezas  
que aparecem em semanas comuns

cheirinho de dendê na feira do bairro  
a flor que invade o muro da casa do lado de fora  
e nos topa enquanto andamos na calçada  
o abraço apertado de uma saudade desmedida  
se demorar com quem não tem pressa de te observar  
cafuné de vó, risada de mãe, conselho de irmã

caminhos abertos pedem desvios do óbvio  
quando a mágoa te contornar  
levar a primavera consigo  
se atrair por novos sentidos

as paredes chegaram a gritar

*viver é muito perigoso  
estamos sempre por um fio*

os tacos do chão queimaram  
meus pés feito lava

e eu não sei se doeu mais  
sua consciente loucura  
suas unhas cravadas  
seus empurrões  
seu deboche  
ou a vontade  
de nunca ter  
te deixado entrar





conhecer o que mora em mim  
não quer dizer que eu saiba  
lidar com coisas vastas

a primeira vez que admiti ser fraca  
senti o céu rachando ao meio  
e era só eu me permitindo ser crua  
se o disfarce do inabalável  
resulta em queda bruta  
a honestidade  
fará espiral  
em mim

de novo e de novo

expectativa. o estômago tremendo, as mãos apertadas, a cabeça em outro lugar que não aqui nem ali. criar uma história tão longa que mal caberia num livro inteiro até, pá, quebrar a cara pela milésima vez. é assim mesmo, você repete pra si mesma sabendo que não vai se convencer. poderia ser agora, poderia ser depois, mas se nunca aconteceu, eu preciso é cair na real, né? o corpo chega a suar frio diante da impossibilidade. vai ficar tudo bem, claro, é só que às vezes eu fico esgotada com a minha capacidade de tecer o que nunca existiu. quer dizer, até existiu, mas só existiu pra mim, daí não adianta muita coisa. eu já não sei dizer como anda meu coração. anteontem ele tava melhor que hoje. meu coração é remendado com os nós que os outros criaram e eu consegui desfazer. com a minha vontade que eu encontrei quando não restava mais nada a não ser eu mesma. com cachaça. com a poesia que conta sobre fins e começos. com essa mania, essa mania foda, de acreditar. talvez eu não tenha caído até hoje de vez porque ainda acredito. acreditar é diferente de criar expectativa. eu preciso entender isso. acreditar é saber que existe um meio, mas não

saber exatamente qual é. criar expectativa é se afundar na própria invenção.

a gente se escapa  
te falta coração  
me sobra coração

grande parte das minhas feridas  
não fui eu que causei  
ainda assim rachaduras se abrem  
e causam tremores  
nas estradas de meus poros  
encostaram no meu corpo  
antes mesmo de eu saber  
do que eu era feita  
me arrancaram as ruas  
me enfiaram em becos  
e me ensinaram tudo ao contrário  
eu nunca ouvi sobre a possibilidade  
de apreciar meus devaneios

até agora

me impuseram o silêncio  
e me disseram pra eu conter  
meu turbilhão  
criaram muros na minha boca  
e no meio de minhas pernas  
eu não tinha por onde escoar

até agora



comeram minhas madrugadas  
rasgaram toda fluidez que ousei vestir  
e plantaram nos meus olhos a palavra culpa  
me obrigaram a construir esconderijos  
que mais tarde fui chamando de lar  
meus medos foram me calando a boca  
um a um

até agora

me obrigaram a ter vergonha  
da minha grandeza  
e a me acostumar com as prisões

me querem quebrada  
me querem ruína  
me querem inacabada  
me querem queimada  
me querem lambendo sangue  
e comemorando com flores nas mãos  
me querem falta de querer  
me querem tudo

menos mulher

no meu peito uma euforia ruim, os sapatos estão apertados,  
quase tudo me tira do sério, um incômodo me faz esfregar  
uma mão na outra, vontade de calar, vontade de gritar,  
gente demais em todo lugar, lanço os olhos sem saber o que  
está acontecendo

mais tarde  
pós-obrigações  
do cotidiano  
deito na cama  
encaro o teto  
e entendo:

estou triste  
tinha esquecido

mirmã,  
quando te ouvi chorar  
a vontade era pegar a sua dor  
e esmagar feito rascunho de texto  
que logo se joga fora e é esquecido  
também tentei acessar a sua tristeza  
pra impedir que ela dilatasse  
por entre o sangue de forma tão voraz

no entanto  
naquela quinta-feira  
estar sentada na sua cama  
te fazendo cafuné  
era o suficiente

busquei a palavra certa  
até encontrar a quietude  
presença cura

ecoar

minha pele é marcada por palavras  
que contam a história  
de uma mulher que nasceu oceano  
lava e vento

gero, queimo e contorno  
todos os cantos  
do mundo

tenho muitos nomes  
estou em inconstante  
transformação

nada me condensa  
e paio onde me inspiro  
ultimamente o prazer  
tem me convencido  
de que ensina bem mais  
que o pesar

ontem você dormiu mais cedo  
e fiz a mesma coisa de todas as noites  
coloquei as mãos no seu ombro  
e fui elaborando o que te desejo  
baixinho num carinho leve  
pedi pros orixás te guardarem  
e que todo e qualquer desmoronar  
não fosse capaz de estagnar processos  
ou se acumular com feridas passadas  
a fim de confundir a cabeça e o presente  
que o desespero não pertencesse  
mais ao tangível  
e que vazios não pudessem  
mergulhar com frequência nos seus ciclos

se alguém me perguntar hoje  
o que eu acho que é o amor  
vou dizer que é te querer protegida  
o mundo é bruto demais  
pra abarcar seu peito  
não é sobre pensar se você dá conta ou não  
mas te desejar plena, completa, rainha

te olho de um jeito que te vejo  
todo traço ou rastro seu me interessa  
e mesmo quando estou dispersa

improvável é não te saber

te ouço de um jeito que te escuto  
e até mesmo quando o silêncio te preenche  
sem intervalos  
suas trilhas me percorrem  
desperto ao ouvir qualquer barulho seu

acho até meio contraditório  
sua voz que pode derrubar cidades inteiras  
me ergue e me reconstrói



sentada em frente ao mar  
da praia que não me recordo  
o nome  
mas me lembro do som  
você me disse  
*quer ser minha família?*  
e te respondi  
*já somos*

se alguém me perguntar hoje  
o que eu acho que é o amor  
vou dizer que é algo muito parecido  
com a fé:

*não andar só*

sinto que somos um enredo  
ainda sendo escrito  
sobre um cuidado  
que está sendo preparado  
há muitas existências  
e o amor há de reinar  
e saber pronunciar  
nossos nomes

essa ideia de que alguém vai aparecer e arrumar a bagunça  
que os outros deixaram. de que alguém vai aparecer e te  
fazer esquecer tudo que te fizeram. alguém vai aparecer e te  
dar novo sentido. alguém vai aparecer e te mostrar que tudo  
pode ser. alguém vai aparecer e completar seu processo de  
cura. alguém vai te mostrar o que ninguém nunca mostrou.  
alguém vai compor céus pra você. alguém vai aparecer e você  
nunca mais se lembrará dos hematomas. isso é só a gente  
querendo fugir. é mais uma vez depositar nossa plenitude  
em qualquer coisa que não nossas mãos.

ninguém aparece  
não com essa função  
de tapar buraco  
recolher estilhaço  
e não importa o quão rápido  
você corra pra se esconder  
e se alimentar da espera  
você terá que encarar  
seu reflexo no espelho  
hora ou outra

até o sol explodir e transformar a terra em fagulhas  
até os oceanos nos engolirem  
e todos os vulcões acordarem  
até meteoros racharem o chão  
até as montanhas quebrarem em avalanches

eu vou escrever  
com essas mãos que têm textura  
de força da natureza

energia baixa  
quando a bagunça se alastra  
e todo mundo se afasta  
não há espaço que baste  
pra sustentar nossa  
chuva torrencial

apesar de tudo  
você está sentada do meu lado  
na mesa do bar  
e toda vez que te olho fundo no olho  
o tempo morre em segundos  
aí fica simples esquecer os arredores

peço agô e agradeço em silêncio mais uma vez  
os ventos estão me soprando permanências

há conforto até na espera  
quando já em casa estou exausta  
mas escuto barulho de água caindo  
no seu corpo  
e sei que vai sair de lá  
sentar no sofá  
vem cá  
em dias caóticos também cabe  
sossego no peito

contradição de efeitos  
suspeito  
que pode haver imensidão  
em momentos estreitos

entrelaço de ideias  
e eu que sempre fugi do agora  
mastigando as horas  
sei que só piora  
estão estridentes  
os barulhos lá fora  
preciso ir embora  
estou indo morar  
dentro de mim

contigo

sei que o amor não tem esse objetivo  
mas ontem seu amor me salvou  
e notei que afetos são retas e metas  
que atingem de forma direta  
a raiz de quem sabe que a cura  
não se firma em mãos alheias

só ama quem sabe  
se afundar em si  
e retornar  
sem afogar  
outras mãos

minha composição  
se mistura com diamantes

ao contrário  
do que pensam  
não estilhaço  
tão facilmente

e ainda que eu possa quebrar  
continuo reluzindo

- inspirado em esperanza spalding // black gold

se interligar com a metáfora  
de quem sente  
e ter a garra intrigada e urgente  
para se aproximar da raridade  
de saber nutrir amores  
num mundo findável



nem mesmo eu  
conheço todas  
as suas histórias  
e te vejo encostada  
no vidro do carro  
cantando baixinho  
uma música dos anos setenta  
e volto a acreditar  
que mulheres  
que enfrentaram  
incêndios demais  
também podem  
sentir paz

se eu pudesse mudava pra uma cidade  
onde ninguém soubesse o meu nome  
e eu não soubesse o nome de ninguém  
seria mais uma numa multidão  
de afetos falhos e recomeços  
tentando não me maltratar  
com tudo que não fui  
tentando continuar de qualquer jeito  
escrevendo diariamente cartas de amor  
pro meu endereço  
me alinhando em  
novos eixos

– dispersa

ela abriu meus olhos com a ponta dos dedos  
pra que eu pudesse  
admirar  
novamente  
tudo o que é simples

hoje eu queria ter acordado com a paz daqueles dias que não vieram, sentir o sangue correndo cheio de sonhos histéricos, parar de sentir saudade de quando descobri aqueles livros e essa cidade enorme e me perdia enquanto o ponteiro do relógio marcava horários nos quais ninguém sentia vontade de se perder, hoje eu queria me contagiar por qualquer excesso leve ou pesado, queria dar o fora daqui, dar o fora de mim, queria que o resto do mundo me inspirasse em vez de me ver esmurrando as teclas tentando fazer sair alguma coisa, pro bem e pro mal e pra tudo que me transpassa, hoje eu queria não esbarrar nas pessoas enquanto caminho a passos tortos, queria escapar dessa sensação de acabar não sabendo de porra nenhuma no final

hoje eu queria mais

bem mais

regra de sobrevivência

bagunce, suma

desista, chore

atrase, grite

pire, beba

enlouqueça do jeito

que preferir

pra aguentar isso aqui

a gente tem que sair da lucidez

de vez em quando

as roupas começam a cheirar adeus  
a despedida cola nas pálpebras  
os espaços vão ficando  
muito apertados  
as palavras decoram o caminho  
da boca do estômago  
o relógio se dilui  
o quase se alastra  
as promessas fingem  
que nunca existiram  
o silêncio vira cais

quem disse que partir  
não faz alcançar  
algo mais confortável?

observar com atenção  
a reação de quem escuta  
suas histórias

quem teme a sua vivência  
quem só te vê como fúria  
quem transforma em chumbo os seus anos  
quem só se interessa pelas vitórias  
sem considerar trajetórias  
ou te dá ouvidos pontuais, superficiais  
melhor manter distante do seu palpável  
melhor manter distante do seu real  
ali é melhor  
não ressoar

estou imersa  
no teu sol  
há tantas vidas  
que já não há diferença  
entre nós e o universo

você se desdobra  
no centro e na beira  
de mim

por destino ou escolha  
desperto sempre entrelaçada  
nos seus raios



releio poemas repetidas vezes numa tentativa de instaurar algum tipo de conforto no meu peito-estrada. ontem mesmo meus olhos visitaram um texto que eu não lia havia sete anos e eu não cabia mais ali porque não desejo mais ter olhos azuis e hoje elogio meus traços e meu rosto como nunca antes. os muros da cidade que já me mostraram respostas agora gritam sobre torturas, desgraças e coisas cinzas demais. sinto saudade do sol das seis da tarde que fazia na minha cidade materna, quarenta e dois graus de amor quente e entardecer fluido, de encher a cara com meus amigos do colégio enquanto falávamos sobre trivialidades e de ouvir música ruim sem critério ou julgamentos. o tempo não existe, mas de alguma forma ele nos sonda sem pausas ou rodeios. fui engolida sem permissão, não consegui perdoar todos que me machucaram - e me perdoo por isso - e o vestido que ele arrancou na tentativa de estupro na escada da lapa segue rasgado numa lixeira qualquer. toda vez que passo perto dos arcos sinto vontade de chorar, mas não choro, só choro escrevendo esse texto. não consigo usar camisetas de

gola alta porque seus dedos seguem marcados no meu pescoço e ainda há pedaços de unhas na minha pele mesmo depois dos banhos de mar, dos banhos de erva, dos banhos de cachoeira. às vezes não tem nada a ver com fé e olha que a fé que me abarca poderia lotar continentes e fazer ter pé de dança até o mais descrente. eu sou uma mulher partida, uma mulher que parte, uma mulher dividida, uma mulher que divide e sobrou um décimo de mim depois de apanhar mais de uma vez. se falo em primeira pessoa é porque falo literalmente, como é que sigo aberta depois de tanto? como confiar nas coisas que se fazem crescer dentro do peito? e eu não sou fria, ofereço meus equívocos e contradições com o maior amor do mundo e, às vezes, num impulso, desconto em quem ainda vê em mim algo não calejado. se essas ruas gritassem histórias sobre você, o que elas diriam? se as luzes da cidade apagassem, quanto sobraria na garganta? sobrou um décimo de mim e na matemática que não acesso isso significa precipitação. tenho pressa porque se eu parar vão duvidar de mim novamente.

enquanto me pede  
pra aguentar firme  
sem me oferecer ajuda  
você se lembra que  
ontem mesmo arranquei  
pedaço por pedaço meu  
pra preencher  
pedaço por pedaço teu?

esperar algo em troca  
não tem nada a ver com isso  
é que só me sobrou um buraco  
se completando sozinho  
por falta de opção

nem mesmo se eu puxasse assunto  
com as sessenta pessoas que atravessaram  
a faixa de pedestre da avenida da estação  
nesse minuto  
elas compreenderiam  
o tamanho da saudade  
que preenche a falta  
nas minhas mãos

queria desabafar, parar todo mundo  
pra dizer que eu te vejo sem tropeços  
retinas atentas pra admirar  
suas vivências  
não, parar todo mundo pra saber  
se alguém já sentiu isso dessa forma  
que não tem forma alguma  
porque imensidão não é matéria  
não é medida  
é despreendida  
da terra

e estar distante de você  
me desmovimenta  
muda a minha frequência

fico emanando uma energia tão lenta  
que o externo escancara o coração  
até o trem circulou com velocidade reduzida  
hoje  
os estabelecimentos estavam mais vazios  
que o normal  
e a música na rádio do calçadão  
não deu vontade de dançar

aquele vento que bateu no meu corpo  
na hora de voltar pra casa  
primeiro passou por você  
não se explica  
que nossos encontros  
são tanto  
que tomam  
o caminho  
do mar  
e cruzam  
asfaltos

(se te perpassa  
vai me transpassar)

foi bonito  
o barulho da brisa  
mas só eu ouvi

aí um muro me disse  
*já sabia que ela existia*  
é fácil o porquê de não gostar  
de surpresas  
quem tem despedidas pregadas  
na pele  
não simpatiza com a espera

antecipei sua vinda quando enfeitei  
mel e flores amarelas pra oxum  
nem te pedi, só disse  
mainha, por favor  
que não me levem mais  
embora de mim  
e que seja aconchego  
o que virá

sinceramente  
eu não posso te devolver  
aquilo que lota  
esses espaços que tomaram  
conta do seu peito  
rachaduras que a vida trouxe  
que ainda te tremem  
mas posso resgatar contigo  
o que for possível  
pra se recontar  
podemos ocupá-los  
com xirês em yorubá

(oyá tocou a terra, ela tem alto valor  
que a sua espada não nos atinja  
nem os raios cortem a nossa casa)

há quem nos olhe  
há quem saiba dos caminhos  
que você percorreu  
e se ainda sentir gosto de dor  
dentro da boca  
que espadas não te atinjam mais  
nem os raios cortem a sua casa



fez da voz seu escudo  
seu patuá é sua história  
sorte é palavra equivocada  
quando se vê por onde seus pés  
já pisaram  
quando se escuta o que seus ouvidos  
guardaram  
você nasceu baobá e renasceu iroko  
seu tempo é outro  
e suas folhas carregam os segredos  
de quem se refez

por isso te enxergo templo  
não só te amo  
te reverencio  
te cultuo  
te respeito  
e vou te esvaziar  
dos acúmulos  
quando o corpo pesar  
e vou te celebrar  
acima de tudo

vou te celebrar

não é promessa

é cura

intuições

são suas ancestrais  
soprando em seus ouvidos  
segredos de sobrevivência



você me diz que é preciso  
se entregar visceralmente  
eu te digo que é preciso  
derrubar portas  
chacoalhar árvores  
tremar vidraças  
balançar folhas  
refrescar contornos  
soprar flores  
conhecer sozinha a própria potência  
de destruição e de amor  
se aprofundar em seus excessos  
saber bem de si  
oferecer o mais bonito  
pra optar por onde ficar  
pra optar por onde cair

vez em quando  
desapareço  
não deixo rastro  
dica ou vestígio  
do meu paradeiro

recompensa alguma virá  
a quem insistir  
em me olhar nos olhos  
se tiver notícias de mim  
guarde-as bem pra si  
me informo melhor  
quando me encaro

aviso fácil:  
não quero ser encontrada

estou submersa  
confio em mim  
hoje vou me percorrer  
estreitar os laços com  
meus desconfortos  
inundar meus incêndios  
ordenar meus processos

chega mesmo a ser bonito

eu valho meu risco

diluí meus pedaços em vento  
assim tudo que sopra me carrega  
contorno e confundo definições  
quando a brisa bate você não sabe  
se é o que restou de mim ou  
é meu inteiro te atravessando

e nunca vai saber

*deixa de balançar minha estrutura  
o coração perde a razão  
e magoa todos os ossos  
desse ofício incendiado chamado vida  
vá com cautela, a dor  
se esparrama furiosa  
em cada fiapo de pensamento  
para que tanta querência  
se as mãos lacrimosas  
não encontram o caminho  
a larga rua devorada  
de seu coração-criança  
para que fugir  
se teu norte é meu sul  
e não seremos mais nada  
que duas retas paralelas  
caminhando eternamente juntas  
e infinitamente separadas*

*eu sou filha  
de territórios distantes  
e busco meu mapa  
em cartas engavetadas  
para me cruzar  
me descobrir*



– poema de minha mãe, Luzia Helena, escrito em 1985

outubro

inevitável pensar  
se fosse um pouco antes  
como seria?  
trocar sem medo  
brisa leve desde cedo  
ser imensa mesmo  
no efêmero  
várias cicatrizes  
a menos

se puder  
descanse  
nem que sejam cinco minutos  
voltados para os cantos de sua voz  
diminua a velocidade  
tome um banho quente  
coloque um pijama velho e confortável  
esqueça das lutas por hoje  
sussurre calma nas urgências  
deixar pra lá também é resistir  
estique os pés, descerre os punhos  
observe a noite até o dentro constelar  
cuide da pele que te envolve

amanhã o sol continuará sendo sol  
as casas e os prédios estarão  
no mesmo lugar

agora tudo voltará  
a ser como era antes

menos você

faz tanto tempo que não temos  
falado sobre o que realmente importa  
você ainda se lembra o que é isso

qual foi a última vez que seu  
coração bateu mais rápido  
você tem conseguido se admirar  
quando olha no espelho  
vamos ver o nascer do sol  
amanhã

pra onde você quer fugir  
hoje

qual a música que nunca  
sai da sua cabeça  
o que te arrepia  
qual seu cheiro favorito  
tem nascido flores  
em você

como anda a sua fé  
você quer um abraço daqueles  
que fazem parar de chover  
ou daqueles que nos fazem  
desaguar  
qual a sua maior saudade  
você tem conversado com seus ancestrais  
vamos dançar tim maia no meio da rua

você prefere vinho ou cerveja  
o frio ou o sol que invade tudo  
você quer companhia neste domingo  
quer que eu divida os meus risos com você  
quer que eu te conte uma história banal  
quer que eu escute sobre seus medos  
você ainda se lembra das coisas bonitas  
que moram no seu peito?

vem cá, demore não

as palavras injustas que você me disse  
continuam tomando formas  
continuam caminhando  
pelas minhas beiradas  
vira e mexe  
eu te leio  
na minha pele

eu sinto e vejo  
a minha cura  
é processo lento  
e mesmo nas noites  
em que eu não a alcanço  
alguém aparece pra me lembrar  
que já não há tempo para quebras  
e sem jeito me levanto  
ainda com as pernas fracas  
e os olhos inchados  
antes tivesse ficado  
um pouco mais no chão  
e aprendido sobre o seu gosto  
e decorado o caminho de volta  
da ponta do precipício  
impuseram a pressa  
no meu cicatrizar

a minha cura  
é abstrata e confusa  
não tem linearidade  
se ontem sorri levezas com os olhos  
hoje a memória me engole e me desestrutura  
olheiras provam que eu  
estou sempre contendo enchentes  
me adaptando novamente ao silêncio



depois de tanto gritar  
não é que eu fique sem assunto  
é que às vezes é melhor não dizer nada  
deslizando entre esquecimentos  
seleciono as injustiças  
eu prefiro saber  
o que perdi

a minha cura  
não é de todo estancada  
ainda sangro  
ainda perco

ainda estou construindo  
uma possível saída  
por isso a poesia  
o verso de mar bravo  
placas para não mergulhar  
não hoje  
é esse o perigo  
em ser de verdade:  
distanciamento

a minha cura  
é a paciência com a minha solidão  
a insistência com as brechas  
ser esmagada sem previsão  
mas ser cobrada pelo cuidado

que não recebo  
eu percebo  
meus significados não se dão facilmente  
e me exigem explicações que se dissipam  
a culpa não é minha se estamos  
viciadas em dicionários, frases prontas  
soluções instantâneas e teorias  
eu sou algo novo todos os dias  
mesmo partindo do antigo

eu sinto e vejo  
a minha cura  
que por vezes enlouquece  
e me concentro não em resistir  
mas em puxar o ar e dar abertura  
às minhas contradições  
aos meus próprios presságios  
eu já sei ser sol no escuro  
às vezes piso em meu próprio abrigo  
fujo e deixo notícias somente comigo  
e sem adornos nos estilhaços  
continuo me curando  
continuo viva

lá no terreiro a gente aprende  
que os mais velhos sabem das dores e dos segredos  
que são eles que ouvem as plantas  
e sabem o valor das palavras

então a gente fica ouvindo  
os conselhos e as histórias  
não precisa perguntar muito  
o que tiver que saber vai saber  
se afoba não  
preocupa não

lá no terreiro a gente aprende  
que nada pode matar nossas raízes  
que reza nunca é demais  
que deus é respeito e afeto  
que deus sorri quando alguém diz obrigada  
que deus mora no colo da nossa mãe de santo  
que deus é o aprendizado que vem de nosso pai de santo  
mas que muita gente acaba chamando deus de outras  
coisas  
e confundindo deus até com genocídio

lá no terreiro a gente aprende  
que deus é ela, é ele, eles e elas  
que nossos deuses gostam de vir pra terra  
e dançar e comer e ouvir o som dos tambores  
aprende que lá da África eles nos escutam  
que a mágica da vida mora na música e no batuque  
e nos pés no chão que sentem a energia  
do amor

lá no terreiro a gente pede bença

bate cabeça na terra, beija a mão  
e percebe que riso de criança  
leva embora qualquer maldade  
aprende anos em uma tarde  
carrega patuá, canta em yorubá  
e oferece flores, frutas e doces  
e uma porção de coisas mais

para aqueles que cuidam de nós  
lá tudo que a gente faz é uma homenagem  
aos que se foram  
aos que se erguem agora  
e aos que estão por vir  
e quem tem fé tem tudo que precisa  
pra passar pela vida

lá no terreiro a gente aprende  
que não há quem ande sozinho  
que existe uma multidão ancestral  
no nosso caminho  
que deus tem pele retinta e cabelo crespo  
e que tudo bem se tem outro deus que não tem  
que cada um pode acreditar no que quiser  
desde que não queira destruir o outro  
impor ao outro verdade absoluta  
ou acabar com toda a cultura de um povo  
ou fazer eu me esquecer que deus pode parecer comigo  
pode ter meu nariz largo e minha boca grande

os cachos enfeitando a cabeça  
por que não?

lá a gente aprende que o vento que bate no rosto  
o mar que nos ensina sobre nosso real tamanho  
as árvores, a chuva, a terra, os relâmpagos  
tudo isso é deus  
então aprendemos a cuidar  
do que nos cerca  
e de quem nos cerca

e ainda assim tem gente queimando a gente  
querendo nos dizimar  
inventando bobagem sobre nossos rituais  
por que é que não conhece mais de perto  
se tudo isso que a gente aprende lá  
é exatamente o que falta  
nessa gente  
e no mundo

hoje escutei do ódio ao amor  
e guardei somente o que me condiz  
eu sou uma mulher que ainda bota fé  
que coração é maré alta  
melhor saber quem sou do que  
tentar compreender o mundo  
assim vou matando as vozes alheias  
uma a uma  
e descobrindo sozinha  
minha condição

tudo bem ser imensidão

as mulheres que correm em minhas veias  
me acordaram essa madrugada  
para me avisar que grandioso não é o que me atravessa  
grandioso é eu ainda permitir que coisas belas  
me devolvam o chão

filha,  
deite aqui e me escute. falei com o tempo e pedi pra ele parar. nesse momento até mesmo ampolhetas travaram areias. eu estou aqui. eu estou aqui. eu estou aqui. estou levando seus temores e mantendo a paciência. chegue antes para observar os terrenos, busque aliadas e quando te cegarem me encontre no mistério do entardecer. te darei água pra beber nos seus desertos, te ventarei nos mormãos mais profundos e te acenderei em fogo que poderá aquecer ou espalhar cinzas por onde passar. meça seus poderes. sabedoria é justamente não ter todas as respostas, aprenda. eu resolvo, eu dissolvo, amasso entre as mãos e faço pó da matéria mais densa. me peça, mas seja inteligente e certa. me agradeça por estar inteira. pedreiras desmoronam e você ilesa. poeiras formam nuvens e você defesa. você pode até perder, mas nunca sem guerrear – e perdas são ganhos despretensiosos. escrevi seu nome no ar. sua prece é voar.



ouço seu nome  
molho de imediato  
pulso acelera  
nuca e lábios  
se arrepiam  
imagino sua língua  
entre as coxas  
eu movendo meus dedos  
em seu estado líquido  
você apertando  
as minhas costas  
respondo intuitiva  
a seus toques  
me revirando  
me remexendo  
lençol caindo  
da cama  
deixa pra lá  
aqui é mais importante  
paixão prolixa  
palavras se soltam  
pra conduzir e instigar

reverberar

contigo até suor  
vira água doce

sinto que posso rachar o universo ao meio  
mas é na doçura que me encontro mais  
ferro, vento e água dançando em mim  
não tenho sorte, tenho raiz

mereço calma, eu sei  
eu quero alma  
o mundo é mundo demais  
e eu me interesso pelos detalhes  
quero saber das histórias por trás das olheiras  
quero saber das vivências guardadas em cartas  
oralidades, bagagens, sonhos e acasos  
eu gosto mais do fim do dia do que do começo  
porque é no fim que se pode saber mais  
sobre o que quase não se fala  
quando cansada eu chego em casa  
tiro os sapatos, tiro a roupa, me jogo na cama  
e ainda com cheiro e resquício da rua  
abro uma cerveja e conto  
que eu me interesso pelos detalhes  
o que faz descer na estação errada  
quais os dias favoritos que borbulham  
e fazem o riso fácil aparecer  
quando foi que o buraco virou cicatriz  
como eu posso contribuir na sua luta  
somos lama, somos terra  
somos terreiro, somos batuque

somos mais agora do que ontem  
somos aquilo que nos traz luz  
somos abraço apertado  
beijo longo e cuidado  
e que eu me lembre  
que somos também a escolha  
de onde pisaremos  
com o peito aberto  
e os pés descalços

quero  
seus  
demônios  
dançando  
junto  
com  
os meus

evita-se falar sobre isso  
mas existem vários tipos de solidão  
a fria e silenciosa  
que esvazia  
a confortável  
que preenche  
a que põe pedras na garganta  
rua sem saída  
a dura mas necessária  
que reconstrói  
e as que eu ainda não sei nomear  
e chegam desavisadamente  
geralmente vêm de fora  
alguém coloca nas suas mãos  
e você fica sem saber  
o que fazer com isso  
essas são as piores  
essas silenciam

quando andar aos avessos  
raspando os dentes ansiosos  
transparecendo excessos  
mente a mil por hora  
procure a poesia

e quando a poeira baixar  
procure as poetas  
agradeça  
fortaleça

não deu tempo de te contar  
sobre eu ter me sentido em casa na bahia  
risada alta nos bares dos arredores do rio vermelho  
mares convidativos com cara de porto seguro  
sobre eu ter sentado ao lado da ayóbámi adébáyò  
e falado sobre vivências e construções  
sobre eu ter beijado o amor da minha vida  
no show da lauryn hill  
sobre eu agora gostar de festas surpresa  
e saber mais sobre o poder curativo das plantas  
não deu tempo de você notar que a paixão me revisitou  
que eu voltei a cantar  
que eu quero gravar um disco  
de samba  
que meu cabelo está selvagem e livre  
que eu canto enquanto cozinho  
que eu conto os dias pro verão chegar  
que eu espero que você também  
volte



o cheiro do corpo dela  
se mistura com o cheiro dos bares  
e das casas e das garrafas e das encruzas  
e das estações e dos apartamentos  
e das festas e dos copos e das taças  
e dos carnavais e das maresias  
e das viagens e dos tumultos e das marchas  
e das revoluções e das praças e das músicas  
e dos temporais e dos encontros e dos gostos  
e das poesias e dos beijos e dos tambores

os lugares mandaram avisar  
que ela não é apenas passageira  
é protagonista

minha herança de laços desfeitos  
não vai nos atingir  
vou te amar de guarda baixa  
escudos e espadas no chão

dessa vez não há guerra

vou manter o peito escancarado  
vou consolidar plurais  
e parar de calcular estratégias  
de isolamento  
preciso desligar  
espairecer  
desafogar

reconhecerei a palavra amor  
sem estranhamentos  
e seremos encontro

para o meu altar particular

eu me desculpo  
pela marca nos pulsos  
eu me desculpo  
pelos espelhos quebrados  
eu me desculpo  
pelos desejos infundados  
eu me desculpo  
pela falta de amor por mim  
eu me desculpo  
pelo coração rasgado  
eu me desculpo  
pelas armadilhas que criei  
eu me desculpo  
por ter me visto  
e não me identificado

eu me desculpo

agora peço a meu corpo  
que me mostre como seguir  
daqui pra frente

sinto que  
estou pronta

você faz renascer em mim vozes que enfiei debaixo dos cobertores e abafei para que não trovejassem antes de dormir. nem todas precisavam ter sido perdidas de propósito, por isso ao recuperá-las tenho que ter cautela para que não haja enganos. aquilo que se quis perder não respeita mudanças de ideia. eu também quis ter controle sobre tudo, até mesmo sobre os relâmpagos, ser minha própria previsão do tempo para não desaguar no inusitado. percebi que quem se busca sem freios acaba se perdendo mais que os outros porque é nas distrações que está o que não tem pressa pra ser bonito. talvez nem todos os dias demos conta de nos encontrarmos com nós mesmas e talvez seja isso que a minha madrinha tenha tentado me contar: saber quem se é, mas se esquecer de vez em quando para se permitir sentir o mundo. percebi que você fez isso naquele dia do banho de chuva e foi tão honesto que a sua dor escolheu se despejar pelas calçadas porque não sentiu que te pertencia. pelo menos naquele instante. não há cidade grande que possa te fazer menor e eu gosto tanto de te aprender. ainda que a memória falhe insisto em guardar sua dança nos cômodos de casa, sua voz lendo os poemas das quatro da manhã e seus olhos que me lembram que posso ser amada dentro de um calendário desfeito e refeito só pra nós. as horas se jogam nas nossas mãos para que não seja cedo nem tarde nosso existir. ainda que a memória fale, te alcanço em letras emolduradas, riso alto que mostra os

dentes, roupas esquecidas no sofá e músicas que vão e voltam pelas suas ruas. os lugares que você passa permanecem cantando. fico sem eira nem beira e quando sugerem que eu troque a palavra sol por só me pergunto se é mesmo necessário, se dessa vez não há dúvidas. você prolonga o que ilumina, então volto a ser difusa pra misturar a minha luz com a sua e revivo vozes que mantive apagadas, mas que agora se espalham e acendem espelhos sem cegar. reflexo bom do que virá.

nego, é as quatro da manhã que a nostalgia invade  
os anos voaram e a selva de pedra não nos engoliu  
naquele sofá do hostel te vi tocando violão pela primeira vez

*you cant, black?*  
*lets make a sound?*

flowers open and close and fall and we are what remains  
thank you for remembering my voice

esse teu eterno vício pelo depois  
ainda vai me enlouquecer

piso forte no chão, dou passos duros, piso tão fundo quanto meus olhos escuros, se piso na terra deixo sujar, se piso no vidro retiro os cacos, pode deixar, se piso na água fria não recuo, se piso no concreto sinto falta do indefinido, percorro estações vielas frestas curvas, às vezes com rumo, piso forte no chão, faço do meu trajeto coração, não costumo regredir, já fui embora sem retorno, já gritei pelas ruas querendo um mapa pra voltar, é bom que eu tropece pra conhecer os buracos, é bom que eu me perca pra aprender a usar bússolas, piso forte, não ligo, piso fundo, de um jeito ou de outro eu consigo, piso forte, cambaleio, piso firme, cambaleio, piso fundo, é foda, mas eu vou, eu vou, piso forte, piso fundo, qualquer hora eu atravesso o mundo.



qual foi a última vez que sua respiração  
correu sem ofegar  
e quando disparou  
era alegria genuína  
ou acúmulo de abismos?

se sou poeira de estrela  
o que me ancora é pó  
ou brilho?



eu vou reviver,  
mas não como fênix  
vou reviver como um pássaro negro  
terno e veloz  
de olhos e dias também escuros  
asas fracas, mas intrépidas  
vou reviver porque sei  
que escrever  
é o meu primeiro  
e jamais será  
o último  
ato

pretinha

continuamos tendo muito em comum  
existir de maneira mínima não nos interessa  
nem nos basta  
onde vamos manter  
nossas partes imensas  
se somos mulheres densas

pretinha

cansadas até mesmo de dar o nosso melhor  
sentimos na boca do estômago a saudade do comum  
como será ter um sono manso sem pensar  
na estratégia de guerra  
dos amanhãs

pretinha

o problema não é você continuar acreditando  
é que nem todas as mãos podem abrigar  
o seu poder ancestral

pretinha

me procure quando se perder  
e quando se encontrar  
perdidas podemos esbarrar os nossos sonhos

inteiras podemos nos demorar  
e traçar planos  
para preencher  
outras de nós

primeiro considereí fardo  
agora acho que é algo como sorte  
tudo em mim escorre, se espalha  
me derramo como enchente  
desconheço metades  
e ofereço travessia  
pra quem se vê  
no mesmo ritmo  
que eu

sou a brecha  
de uma nova narrativa  
se chegar de peito aberto  
pode apostar que te preencho  
do jeito mais bonito possível

sou tão minha pra você achar  
que estou nas suas mãos  
sou eu que escolho onde vou pisar  
pra se perder em mim  
tem que primeiro  
se encontrar



antes deságue  
depois compreenda  
ainda existe leveza em você  
seus poros vão tremer por outras pessoas  
seu riso vai ser confortável  
como um sábado de sol  
e suas mãos vão carregar percursos  
de uma mulher de coração turbulento  
que leva jeito pra amar suavemente

definições

sabe o que é saudade  
saudade é não conseguir mudar nada  
absolutamente nada

quanto mais anos eu desejo viver  
contabilizo mais anos pensando em meu pai  
que está e não está aqui  
e eu nem sei pra onde vou  
ou vamos  
se céu e inferno são a mesma coisa que terra  
o que virá depois?  
será que te encontro?  
será que te conto  
como é estúpida essa dor  
que se forma  
diante da morte  
de alguém que já parecia  
ter morrido em vida  
será que te encontro?  
será que te pergunto

o motivo dos rombos  
no coração de minha mãe?  
será que adianta?

porque é assim  
céu é céu  
dor é dor  
saudade é saudade  
além disso não existe

só que meu pai  
sou eu também  
em algum traço perdido em casa  
e encontrado em minha pele  
no meu rosto e nos meus cabelos  
nos meus álbuns de música  
na minha prateleira de livros  
nas marcas amareladas nos olhos  
nos dedos dos pés  
no crescer sem me resgatar

e o que eu quis quando você estava vivo era que você fosse  
qualquer outra coisa que pudesse ser mais próxima de  
mim

que desastre  
derrubo o que estou bebendo  
nos livros que leio  
deixo a geladeira congelar  
perco papéis importantes  
o restinho de brasa  
faz um furinho na blusa  
vigésima cópia da chave  
me distraio  
quase não encontro  
o que guardo

cuido das pessoas  
esqueço das coisas

2001

depois que você foi embora eu desaprendi a guardar surpresa. fico achando que não vai dar tempo, que é melhor falar logo. conto o que eu tô planejando, mando foto, mas não guardo. não guardo nada comigo e escrevo, escrevo muito. fico falando tudo que sinto o tempo todo e não consigo pensar que amanhã melhora. a última vez que pensei isso você tava de cama e não levantou mais. não sei como você teve forças pra quase fugir, se arrastar no chão pra eu não te ver. eu nem entendia o que era aquilo, eu só peguei minha mochilinha laranja e viajei pra te ver. depois que você foi embora eu não tenho mais medo do pior. não tenho medo de ver o pior. não me afasto das pessoas que doem, não fico de boca aberta quando se abrem. quando me dizem que talvez eu não aguento ouvir, sei que dou conta. abri aquele álbum de fotografia duas vezes, uma quando revelou e outra vez quando senti saudade (chorei e fechei na terceira foto). quando me contaram, quatro dias depois da visita, eu parei de acreditar em deus. nada existia, nem deus, nem outro dia, só aquele buraco fundo onde eu não te via e você não me via. deus era outra coisa, deus não mantinha. deus era tudo que não fomos. somos muito parecidos, acho.

acho porque nunca convivemos direito. eu era pequena e você com seus um e oitenta, noventa e poucos, menor do que eu.

me refiz solo sagrado  
enraizei naquilo que é atemporal  
  
comigo sou eterna



algo se repete  
pra provar que  
você nunca é a mesma  
algo se repete  
para que você compreenda  
que você nunca é a mesma  
pare de chamar por suas versões  
que estão no antes  
elas morreram  
pra te parir maior  
algo se repete  
se repete  
se repete  
e ainda bem  
que você nunca  
é a mesma

gênesis

ela falava de horóscopo  
como quem mexia na posição dos astros  
com as próprias mãos  
sem dúvidas as estrelas mudam  
de lugar toda vez que ela se ama  
não à toa, constelações a cercam  
pode lhe faltar tudo  
menos sol

alumia, meu bem

ela me ensinou que amuleto  
é nosso próprio corpo revestido  
de calor e brasa  
só aquilo que arde  
pode nos pulsar  
impulsionar

ela redefiniu  
o início e o fim dos universos  
reescreveu com voz feminina  
o predeterminado  
memorizou o gosto da liberdade  
e descreveu pra todas que encontrou

e me recordou da importância  
de observar as árvores  
ainda que nas calçadas  
ainda que no concreto  
ainda que no apesar

ela desobedeceu o desalento  
moeu e derrotou o tempo  
e preferiu sustentar a leveza  
que tentar calcular o desmedido

te quero jogada na rede de casa  
olheiras de quem faz um corre sincero  
coração em festa que fica  
em estado constante de samba  
seus dedos nas cordas do violão  
depois enrolando seus cabelos  
que parecem o céu da noite  
na chapada

te quero copinho de cerveja gelado  
caderninho de letras e poesias lotado  
sono sem fúria ou interrupção  
sonhos que não se fecham  
nem se calam

que seja tangível o seu despertar  
para tudo que te espera  
e que você se dilua  
em corredeiras  
que apontam para  
o amor

tenha pressa  
mas se afobe não  
seu prosperar  
já é certo

venha logo  
topar seu destino  
que te aguarda ansioso  
e sem descuidos

o transbordar é bonito  
quando se escreve  
mas fere quando escorre

eu não me caibo

quanta coisa no chão  
foi a primeira coisa que você me disse  
ao entrar na minha casa nova  
ainda com caixas empilhadas na sala  
*menos meus pés*  
pensei  
e ali eu já soube que você era dessas pessoas  
que só andam olhando pra baixo  
e só se concentram na própria loucura  
incapaz de me perguntar  
se eu estava bem  
você andava curvada  
e eu segurava seus ombros  
não me sobravam mãos  
pra cuidar de mim

foram duzentos dias  
sem me ver

você veio rápido demais  
e era tudo tão denso que chegava  
a não parecer frágil  
somos o que damos, bonita  
e de nada adiantava  
te salvar  
e me paralisar

só abaixo a cabeça  
quando preciso pegar impulso  
relembrar raiz  
e alçar voo

parti  
pois sou  
ininterrupta



na terapia digo que preciso saber o que mereço  
e ela me pergunta o que isso significa  
vi num filme que acabamos aceitando  
aquilo que obtemos aos montes  
ainda que pouco  
embarcamos em mínimos  
sustentamos equívocos  
e as sobras se embaralham  
com sutilezas

a terapeuta me diz que não se trata  
exatamente de merecer  
mas de querer  
querer cumplicidade  
querer gosto de trocas inteiras  
deixar chover o novo

é preciso também saber o que se quer  
além de fixar o que não se aceita  
de modo algum

respondo que quero honestidade  
continuidade, mãos que se dão firmes  
em qualquer lugar  
e como sei que ainda posso despencar  
que não estou ilesa embora tenha

crescido bastante nos últimos anos  
mais do que prevenir o naufrágio  
eu quero saber nadar  
eu quero saber voltar  
eu quero flutuar  
até meu ponto de partida  
e me achar ali  
à minha espera

meu bem  
te provar inteira causa no meu peito  
certo tipo de direção  
abro minhas pernas de antemão  
e as biografias do meu corpo se derramam  
na sua boca que declara:  
*aqui e agora*  
*me entrego*  
*até a raiz*

te mordo leve  
vontade pede  
dilata a pele  
vira redemoinho  
e sopra no ouvido  
palavras com gosto  
daquilo que escorre  
em ritmo alterado  
acelerado  
exagerado  
se dentro faz lua cheia  
deixa inundar

deve ser isso  
o mais próximo  
do infinito

eu quero deitar encolhida no chão  
e ficar lá por horas  
chorando e me libertando  
de tudo que é tóxico  
eu sei que em algum momento  
eu vou me salvar  
mas até chegar lá  
talvez eu precise de ajuda

essa carne que tanto protege  
também será protegida?

elza soares diz  
que o fim do mundo é todo dia, baby  
voltamos da guerra repetidas vezes  
precisamos cuidar umas das outras  
é o único jeito

de que valerão meus escritos  
se outras não falarem  
não se contarem  
não dançarem  
não se manifestarem  
não protestarem  
não se erguerem

de que valerão meus escritos  
se eu me esquecer de direcioná-los  
para aquelas que engolem silêncios em seco  
que escondidas oram ao impossível  
que no ônibus às cinco da manhã  
fecham os olhos e sonham rumos  
que focam em tapar os vergões  
que nunca soltaram do peito os leões  
que estão habituadas a vestir  
inseguranças

eu que agora tenho a voz audível  
não falarei por ninguém  
convidarei para virem ao meu lado  
para não deixarem se apagar  
ou desencorajar

de que valerão os meus escritos  
se eu não convocá-las  
se eu ignorar da onde vim  
se eu parar em mim

descubra aquilo que te move  
o que te traz de volta à vida  
e se atire, se jogue, se lance  
no instinto de fazer durar

semana passada enfiei na cabeça  
que eu seria mais celebrativa  
e fiz uma única promessa:

jamais desperdiçar  
segundos sem amor



ano passado vi um vídeo da poeta tatiana nascimento e senti que devia proteger minhas raízes e ser mais gentil com meu crescimento. agradeço às poetas negras que me tiram do lugar comum e me botam pra me absorver e conceber universos. há tanta gente seguindo em frente apesar da neblina que nos devora que não posso evitar esse amor e essa fé que me escapam e se dividem através de minhas palavras. eu mesma me questioneei muitas vezes sobre essa insistência pungente que é tão necessária, tão infinita, tão legítima. aí guardei na memória a minha grandeza e me agarrei no celebrar, voltei pro mar, renasci para yansã, me vi em ogum, fui zelada por xangô, virei afilhada de oxum, aprendi profundamente sobre desencontros e proximidades, soprei estrelas em chuvas de granizo e respeitei as minhas pedras, o meu silêncio e o meu bem querer. nesse ano aprendi com a poeta key ballah que o ar fresco queima a tristeza, e desde que virei meu ciclo – no dia 19 de janeiro – me sinto viva. leiam mulheres negras. e contem suas histórias, porque toda história importa. foram e ainda são tantos desabafos honestos sobre meu primeiro livro ter sido essencial e curativo, e esses sentimentos partilhados por tantxs mantêm aqui dentro a salvo. agradeço às mais de

quarenta mil pessoas que o leram. agradeço à minha mãe luzia, à minha vó eunice, à minha tia laura, à minha irmã mayra que são mulheres que regem a si mesmas desde a minha infância. me espelhei. agradeço à minha irmã beatriz que me oferece suas mãos pra me abrigar da desordem natural das coisas. juntas estamos tentando compreender cuidados. agradeço à mc carol dall farra por me mostrar a forma exata da cumplicidade e da leveza do amor. agradeço à poeta gênesis por compreender o que brilha e o que queima em nós. agradeço à poeta aline anaya por enxergarmos juntas que nossas almas são ouro que reluz. agradeço à atriz e poeta tula pilar por abrir estradas e por ser nossa sagrada ancestral no aiyê e no orum. agradeço às minhas alunas da odara que ao ler isso vão sorrir e relembrar nossos passos largos lá na escola. agradeço à mulher que fui e também à mulher que estou me tornando por nos amarmos em frequência imperfeita porém duradoura. eu estou recuperando reinados e buscando meus alicerces. e eu espero que vocês achem os seus e que coisas bonitas toquem com vocês facilmente. axé.

leia também:





© Bea Andrade

ryane leão é mulher preta, poeta e professora cuiabana que vive em são paulo. publica seus escritos na página *onde jazz meu coração* e recita seus poemas nos saraus e slams do brasil. seu trabalho é pautado na resistência das mulheres e focado na luta e no fortalecimento pela arte e pela educação. *tudo nela brilha e queima* é seu primeiro livro, lançado pela editora planeta em 2017, e vendeu mais de 40 mil cópias. também pela editora planeta, a autora participou da antologia *querem nos calar*, que reuniu quinze poetisas mulheres de todas as regiões do brasil. ryane é do axé, filha de oyá com ogum e só sabe existir sendo ventania por aí.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

**#acreditamosnoslivros**



# Tudo Nela Brilha E Queima

Leão, Ryane

9788542212198

189 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de estreia de Ryane Leão, mulher negra, poeta e professora, criadora do projeto onde jazz meu coração, com mais de 150 mil seguidores nas redes. "a poesia é minha chance de ser eu mesma diante de um mundo que tanto me silencia.é minha vez de ser crua. minha arma de combate. nossa voz ecoada. nossa dor transformada. nela eu falo sobre amor,desapego, rotina, as cidades que nos atravessam, os socos no estômago que a vida dá, o coração desenfreado, a pulsação que guia as estradas, os recomeços, os dias, as noites, as madrugadas, os fins, os jeitos que a gente dá, as transições,os discos, os tropeços, as partidas, as contrapartidas, os pés firmes que insistem em voar, e tudo isso que é maluco e lindo e nos faz ser quem somos."

[Compre agora e leia](#)



outros  
jeitos  
de usar  
a boca  
**rupi kaur**

1º lugar na  
lista de mais  
vendidos do  
*the new  
york times*

 Planeta



# Outros Jeitos de Usar a Boca

Kaur, Rupī

9788542209426

33 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maior fenômeno de poesia dos EUA na última década, há mais de 40 semanas no topo das listas de best-sellers. Outros Jeitos de Usar a Boca é um livro de poemas sobre a sobrevivência. Sobre a experiência de violência, o abuso, o amor, a perda e a feminilidade. O volume – publicado nos EUA como "milk and honey" – é dividido em quatro partes, e cada uma delas serve a um propósito diferente. Lida com um tipo diferente de dor. Cura uma mágoa diferente. Outros Jeitos de Usar a Boca transporta o leitor por uma jornada pelos momentos mais amargos da vida e encontra uma maneira de tirar delicadeza deles. Publicado inicialmente de forma independente por Rupī Kaur, poeta, artista plástica e performer canadense nascida na Índia – e que também assina as ilustrações presentes neste volume –, o livro se tornou o maior fenômeno do gênero nos últimos anos nos Estados Unidos, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos.

[Compre agora e leia](#)



# Eu, Elton John

John, Elton

9788542218183

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elton John é o cantor e compositor de maior e mais duradouro sucesso de todos os tempos. Embalada em altos e baixos, sua vida é extraordinária. Na sua primeira e única autobiografia, ele conta essa história em suas próprias palavras e com a honestidade – e o humor – que lhe é peculiar. Nesses setenta anos, não faltam momentos engraçados e outros tantos de partir o coração. Ele lembra detalhes da sua infância crescendo em um subúrbio de Londres e o relacionamento difícil com os pais. Batizado Reginald Dwight, era um garoto que, embora tímido, sonhava com o estrelato. Com 23 anos, fez seu primeiro show nos Estados Unidos. Vestido com um brilhante macacão amarelo, uma camiseta com estrelas e botas com asas, enfrentou uma plateia atônita com aquela figura – e aquela performance. Elton John estava chegando e o mundo da música nunca mais seria o mesmo. No livro Eu, Elton John, ele narra episódios dramáticos desde a rejeição precoce de seu trabalho com o parceiro de composição

Bernie Taupin aos momentos de perder o controle como um superstar; das tentativas de suicídio ao secreto vício em drogas por mais de uma década. Elton John se lembra de episódios marcantes de suas amizades com John Lennon, Freddie Mercury e George Michael e até mesmo o dia em que dançou música disco com a Rainha da Inglaterra. Ele também escreve em detalhes como superou uma vida de vícios e fundou a sua Fundação para a Aids. Revela que encontrou o verdadeiro amor com David Furnish, se lembra de férias inesquecíveis com o estilista italiano Versace e da tristeza em cantar no funeral de sua amiga, a princesa Diana. Não faltam, é claro, detalhes de algumas de suas composições que entraram para a história. E, por fim, identifica o momento em que percebeu que queria ser pai – e viu sua vida mudar mais uma vez. Divertida e emocionante, a autobiografia *Eu, Elton John* vai levar o leitor a uma jornada íntima com uma lenda viva. “O mais incrível do rock ‘n’ roll é que ele permite que alguém como eu se torne uma estrela.” - Elton John

[Compre agora e leia](#)

MARIO SERGIO  
CORTELLA

POR QUE FAZEMOS  
O QUE  
FAZEMOS?

aflições vitais  
sobre trabalho,  
carreira  
e realização

 Planeta

# Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio

9788542208160

84 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em *Por que fazemos o que fazemos?* as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

[Compre agora e leia](#)

**ROSANA PINHEIRO-MACHADO**

# **AMANHÃ VAI SER MAIOR**

**O QUE  
ACONTECEU  
COM O BRASIL E  
POSSÍVEIS ROTAS DE  
FUGA PARA A CRISE ATUAL**

 Planeta



# Amanhã vai ser maior

Pinheiro-Machado, Rosana

9788542218237

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desde as grandes manifestações de 2013, boa parte dos brasileiros possui uma única pergunta: o que está acontecendo com o país? Muitas pessoas se sentem em um trem desgovernado por causa de transformações profundas que o Brasil sofreu nos últimos anos, sem saber como dar sentido, viver e combater o caos diário. Este livro da professora, antropóloga e colunista Rosana Pinheiro-Machado possui dois objetivos. Primeiro, jogar luz sobre este período de crise, trazendo uma análise do cenário político e social desde as Jornadas de Junho até a eleição de Jair Bolsonaro, sem jargão acadêmico. Segundo, apontar as saídas que se delineiam no horizonte - e mostrar que já estamos construindo possibilidades de resistir em tempos sombrios.

[Compre agora e leia](#)